

# MISOGINIA: a Cultura Grega e a Figura Feminina.

## *MISOGYNY: Greek Culture and the Female Figure.*

Walter Bernardino Lemos<sup>1</sup>

Sandro Pereira<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar o problema da misoginia no contexto da cultura grega. Pretende-se com isso propor pontos fundamentais para a discussão sobre a misoginia num escopo maior que alcance em pesquisas posteriores a situação do problema no século XXI. Justifica-se o recorte parcial do tema à civilização grega devido à forte influencia na formação da cultura ocidental cristã. Por esse peso que a cultura grega tem no ocidente, entende-se que não é apenas a cultura cristã no ocidente que se deve reduzir a investigação sobre a misoginia.

**Palavras-chave:** Misoginia. Cultura Grega. Mulher.

### ABSTRACT

The general objective of this article is to analyze the problem of misogyny in the context of Greek culture. It is intended with this to propose fundamental points for the discussion about misogyny in a larger scope that reaches in later research the situation of the problem in the 21st century. The partial focus of the topic on Greek civilization is justified due to the strong influence in the formation of Western Christian culture. Because of the weight that Greek culture has in the West, it is understood that it is not only Christian culture in the West that should reduce research on misogyny.

**Key-words:** Misogyny. Greek Culture. Woman.

## INTRODUÇÃO

Analisar o problema da misoginia no contexto das cultura grega faz parte de um projeto sobre o misoginia que se desenvolverá em

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba (FCC); Pós Graduando em Teologia Bíblica e Ministério Pastoral pela Faculdade Cristã de Curitiba (FCC).

<sup>2</sup> Doutorando em Teologia pela PUC-PR. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP. Pós-graduado em Educação à Distância pela Faculdade de Administração, Ciências e Letras (FACEL); Pós-graduado em Pedagogia Social pela FACEL; Professor na Faculdade Cristã de Curitiba.



etapas. Os objetivos específicos são, por sua ordem, a abordagem do tema misoginia na cultura grega e hebraica, e a influência destas civilizações no contexto da história cristã ocidental. Por ora, propõe-se tratar da misoginia na cultura grega, levantando um panorama sobre como se deu a questão nessa tão importante cultura antiga.

O grande mal causado às mulheres pela misoginia estende-se até os dias atuais. Há, ainda, entranhado no inconsciente coletivo, em pleno século XXI, uma forma de desprezo pelo sexo feminino. O movimento feminista, em sua sensibilidade exacerbada, tem percebido este ranço e, por isto, feito tanto barulho. Diante disto questiona-se: como o problema da misoginia impacta o contexto da história cristã ocidental?

Entende-se aqui que é necessário levantar dados que ajudem a que essa questão seja tratada com responsabilidade. Assim, em artigo posterior deverá ser tratado o tema da misoginia na cultura hebraica.

## 1 – A Misoginia no Mundo Grego

Por amor à verdade não se deve olvidar o fato de que nem sempre a visão misógina obscureceu o valor da mulher grega. Lá pelo século VIII a.C. surgia na Grécia micênica a Odisseia de Homero. Nesta obra, a mulher é valorizada e suas virtudes reconhecidas. Quinhentos anos mais tarde estariam quase completamente esquecidas. Assim se expressa Lopes, em “De Pandora a Eva, fontes antigas da misoginia ocidental”:

Homero, o primeiro autor grego conhecido, terá cristalizado, pelo século VIII a. C., e com o olhar do seu tempo, o fascinante ambiente da Grécia Micênica de quase meio milénio antes. No mundo de Ulisses – onde se combatia dez anos por uma mulher e se errava pelo Mediterrâneo outros dez para regressar aos braços de uma esposa – a misoginia não transparece. Homem e mulher equiparam-se na forma como são joguetes dos caprichos dos deuses, num tempo mítico em que mortais e imortais se misturavam. Ainda assim, a fragilidade e a impotência da mulher face à brutalidade dos heróis – recordem-se os *kakà érga* de Aquiles (King 1987: 25) –, sedentos de glória e poder e dominados pelas paixões mais abjectas, eram gritantes: recorde-se a causa da ira de Aquiles (*Iliada*,



I, 180-187), tema da *Ilíada*, e a angústia de Heitor perante o futuro de Andrômaca (*Ilíada*, VI 450-465). (LOPES, 2012)

É importante que seja ressaltado este período da história grega antiga como um contraponto ao que se seguiu, na verdade uma tragédia do ponto de vista moral, social e político. Homero, em *Odisseia*, relata a história de Penélope, suposta viúva de Ulisses, desaparecido após ter saído à guerra, e por ela esperado por longos 10 anos. Homero, vê em Penélope, um corolário de virtudes que, séculos depois, seria olvidado, como se a mulher não fosse capaz de possuí-las. Importa ler o que Lopes escreveu:

Na *Odisseia*, Penélope simboliza, além da beleza, ciência doméstica e fidelidade, a sensatez absoluta e uma inteligência que chega à astúcia, como admite o pérfido Antínoo (II, 115). Na *Ilíada*, Andrômaca, por exemplo, protagoniza as primeiras representações do afecto e da dor humana mais profunda: (VI, 407-413 e 429-430). (LOPES, 2012)

Séculos depois, quando já dominava o preconceito contra o segmento feminino em meio à sociedade grega, vozes se levantam. Verdadeiros arautos do bom senso, derramam um farol de luz em meio às trevas do egoísmo e da opressão. Tem-se em Sócrates um raio de luz fulgurante em meio às trevas misóginas dos seus dias. Ele estava à frente do seu tempo e, de acordo com Cabette, observa-se que Sócrates:

[...] sustentava um pensamento que confere à mulher uma dignidade maior do que a atribuída por muitos feministas da atualidade, os quais supostamente defendem os Direitos da Mulher, mas pretendem rotular pessoas e impor certos padrões, ainda que isso não seja do interesse das próprias mulheres em cada caso concreto. (CABETTE, 2015)

Sócrates entendia que a mulher tinha igual capacidade em relação ao homem, fosse para administrar uma cidade, fosse para os esportes, fosse para a guerra, mas não era igual ao homem em força.



Interessante que sua concepção da posição da mulher na sociedade não era impositiva no sentido de fazer da mulher um homem, mas permitia-lhe escolher seu papel. Caso sua opção fosse pelo lar com todas as implicações decorrentes desta função, tudo bem.

## 2 – Vozes Discordantes

Na senda de Sócrates, outros filósofos levantaram suas vozes em defesa das mulheres. Eram Antístenes e Ésquines de Sfetos, os quais, além da influência de Sócrates, se inspiraram em Aspásia, esposa de Péricles.

De acordo com Lopes estes discípulos do célebre filósofo defendiam uma certa igualdade de capacidade entre os sexos. Cinco séculos depois, já nos dias de Sócrates, a Grécia, sob o influxo de invasões de povos que enxergavam a mulher com outros olhos, permitiu que fosse estabelecida uma sociedade em que a consorte do homem veio a ser denegrida e humilhada como a causadora de todos os males da sociedade. Esqueceu-se que a mulher possuía as virtudes da alma e do espírito. Como disse Lopes, entre os séculos VIII e VII a. C. as mudanças profundas na sociedade grega geraram um afastamento radical do mundo de Ulisses.

A mulher já não mais catalisava as emoções masculinas, ou como dissera Lopes: “deixara de ser possível ir para a guerra por causa de uma mulher”. Tais mudanças levaram os homens a mudar o foco do belo mal – *kalón kakón*, referindo-se à mulher, no dizer de Hesíodo, para o amor grego. (LOPES, 2012)

O que seria natural em uma sociedade patriarcal, isto é, admirar o corpo feminino como a mais bela obra de arte, perdeu espaço para a contemplação do corpo do macho como o protótipo perfeito da beleza.

Lopes elucida a questão dizendo que “a concepção da filosofia do séc. V segundo a qual a contemplação da beleza masculina levava a emoções sublimes subalternizou ainda mais a mulher”. (LOPES, 2012)

Este relato mostra, que nem sempre a sabedoria grega, tão festejada por seus admiradores, trouxe benefícios ao povo. A razão é que a sabedoria grega, ou de qualquer outro povo, se não considerar o temor a Deus como fonte, poderá sucumbir ante os enigmas da existência. Com isto concorda Provérbios: “o temor do Senhor é o



princípio da sabedoria, e a ciência do Santo, a prudência” (Bíblia A.T. Provérbios 9.10).

### 3 – O Arauto da Misoginia

Quem teria sido o agente destas mudanças tão deploráveis? Escarafunchando o passado foi encontrada a obra de Hesíodo, inimigo declarado das heroínas de Homero. Sua pena impiedosa foi o instrumento da mudança “através do poder lapidar da palavra” (LOPES, 2012). Este homem encarna o receio masculino diante do poder e do encanto das mulheres, que subvertia sua força e razão.

Para que se tenha uma real noção da influência do poeta Hesíodo sobre o espírito da época, destacam-se aqui os adjetivos aplicados à mulher por ele:

Transparece pela primeira vez o receio masculino face ao fascínio inexorável que elas exercem sobre a força e a razão. O poeta verbaliza este medo algo inconscientemente [*sic*]: além de caracterizar as mulheres como desavergonhadas, manipuladoras, mentirosas, interesseiras e curiosas – zângãos predatórios que atormentam o laborioso e sofredor abelha-homem, apresenta-as como irresistivelmente sedutoras, pela beleza, ornamentos e palavra, para o indefeso homem (*Teogonia*, 585-589). E tem uma justificação imbatível: tal poder foi-lhes dado pelos deuses.

Sem a amorosa e doce influência do Espírito de Deus, e subjugados pela cegueira do paganismo, a civilização grega abusou da mulher, reduzindo-a a uma condição de inferioridade humilhante. Salvo exceções, a mulher, regra geral, foi objeto de manipulação quase sempre associada aos seus encantos sexuais.

O mito grego da criação da mulher, além de sua ingenuidade, denota o desprezo que estes gentios nutriam pelo sexo feminino. O curioso e também paradoxal desdém é a enorme dependência que, tanto o Estado quanto o homem comum, tinham da mulher. Assim, os gregos foram ensinados quanto ao surgimento deste ser maravilhoso:



Prometeu havia entregado aos homens a capacidade de controlar o fogo, o que deixara Zeus muito irritado. Decidido a se vingar de Prometeu, Zeus cria a mulher, que é renegada pelo ‘traidor’, pois pensava ser aquilo apenas parte da vingança. Zeus dá Pandora (a mulher) a Epimeteu (irmão de Prometeu). Junto com a bela mulher é entregue uma caixa – um recipiente que contém todos os males da humanidade – e o alerta para que esta nunca fosse aberta. Pandora, por ser muito curiosa, abre a caixa enquanto o marido dorme um sono profundo. Ali são libertos todos os males da humanidade. (SOUZA; KAZMIERCZAK; COUTO, 2012)

Vê-se que a mulher foi criada a partir de uma motivação indigna, a vingança. Vale frisar o abismo que separa este mito pagão da criação, do relato bíblico concernente à criação da mulher. O livro bíblico do Gênesis retrata a dignidade e o valor da mulher expresso no propósito divino de sua criação. Eva surgiu em um contexto em que sua presença era reclamada como alguém que complementaria e faria feliz o seu par, ou seja, Adão. Ela é o protótipo da mais nobre ocupação destinada ao gênero humano, que é servir. Jesus, certa vez, declarou: “Bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Bíblia N.T. Mateus 20.28).

O mito revela ainda que Prometeu, considerado um “traidor” por ter revelado aos humanos o segredo do fogo, ao receber a mulher, a renega.

Adão, além de ter aceitado alegremente sua companheira, exclama extasiado: “Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será varoa porquanto do varão foi tomada” (Bíblia A.T. Gênesis 2,23). A mulher no mito grego é rejeitada por Prometeu, e como um objeto é dada a Epimeteu, seu irmão, que a recebe juntamente com uma caixa ou vaso. Em seu interior estavam todos os males da humanidade. Por mais que se diga que a linguagem é simbólica, toda a construção da narrativa pretende denegrir a figura da mulher. Isto é visto quando Pandora, aquela que fora dada a Epimeteu, movida por intensa e irrefreável curiosidade, abre a caixa enquanto seu



marido dorme profundamente. Deste modo é colocado sobre os ombros da mulher a responsabilidade por todas as tragédias humanas.

Sem embargo de algumas semelhanças entre o mito grego e o relato de Gênesis, a diferença entre eles é abismal.

A Queda é um relato equilibrado onde a justiça divina não faz acepção entre o homem e a mulher. Nem Adão é inocente e nem Eva é a única culpada. Ambos se fizeram culpados, portanto deveriam carregar o ônus decorrente de suas trágicas escolhas. Sendo Deus o estereótipo do juiz perfeito, julgou cada personagem de acordo com a sua participação e responsabilidade no drama da Queda. Disto decorre que cada um deles foi sentenciado com penas diferentes e alinhadas às suas faltas.

De fato, as ambiguidades e exceções, estavam presentes em meio as obras escritas que vituperavam a mulher. Isto pode ser visto nos conceitos de Aristóteles (desfavoráveis) e de Sócrates, que via a mulher em pé de igualdade com o homem. (CABETTE, 2015) A consorte do homem era desprovida do status civil, confinada ao gineceu, um lugar da *oikos* (casa) a ela destinada, de onde raramente saía. (CABETTE, 2015)

A mulher inserida na sociedade grega da antiguidade clássica vivia em total submissão, primeiro ao seu pai e depois ao seu marido. Não possuía direitos civis e políticos. Estava no mesmo nível dos escravos quanto a estes mesmos direitos. (LESSA, 1996, p. 183) Como acima foi dito, mas vale a pena repetir, Aristóteles e Demócrito foram instrumentos que validaram a opressão feminina pelo fato de representarem, à época, o saber filosófico. (ARISTÓTELES, 1998, p. 33; CARTLEDGE, 2000, p. 18-19)

Sem voz, sem cultura, sem acesso ao poder da palavra escrita, silenciada pelos costumes e destinada somente à procriação, a esposa amargava uma existência humilhante na qual a válvula de escape não eram as grandes e graves questões de Estado. Sem oportunidade para desenvolver aptidões, via instrução formal, condenada à ignorância, inconscientemente alimentou o mito de inferioridade, de alguém que só se preocupa com coisas frívolas e efêmeras.

O grande dilema do homem grego revela-se no mito da criação feminina. Não se sabe se o mito influenciou a cultura patriarcal ou se esta contribuiu para a formulação do mito. O fato é que o homem não sabe o que fazer da mulher. Vê-se embaraçado por estar diante de uma



criatura adorável, embora mais fraca fisicamente, mas que ainda assim pode subjugar-lo, seja pela paixão, seja por seu encanto sexual, seja por sua inteligência natural. O fulcro da perplexidade masculina remete à cena do Gênesis, onde o Senhor diz a mulher: [...] “e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Bíblia. A.T. Gênesis 3.16).

Na sociedade ateniense da época clássica, o comando de Gênesis é confirmado nas palavras de Filho: “Mesmo com vida baseada na submissão ao marido não se tem relatos de insubordinação, a não ser o sentimento de resignação diante de tanto desprezo”. (OLIVEIRA FILHO; NEVES; OLIVEIRA FILHO, 2011)

Desgraçadamente, na Grécia clássica, os homens elegeram como padrão de beleza o efebo (adolescente masculino), o amor grego, no qual o ideal de beleza a se admirar se deslocou do corpo feminino para o masculino.

Nesta segunda versão do mito grego da criação da mulher tem-se uma visão do drama da convivência homem/mulher de acordo com Lopes:

Em *Os trabalhos e os dias*, Zeus prepara uma praga que, paradoxalmente, será vista pelo homem como uma oferta agradável: “dar-lhes-ei um mal com que todos se vão regozijar em seu coração, ao rodear de amor o mal” (57-58). É, portanto, desde o princípio, um engano. Zeus dá ordens precisas a Hefesto, Atena, Afrodite e Hermes: Hefesto forma uma jovem com barro; Atena e outras deusas vestem-na e adornam-na irresistivelmente; Atena dá-lhe instrução em labores; Afrodite infunde-lhe sedução que causará dor ao homem – “graça em torno da cabeça/ e o desejo irresistível e os cuidados que devoram os membros” (65-66); Hermes transmite-lhe uma natureza desavergonhada e manipuladora – “cínica inteligência e carácter volúvel” (67). O poeta insiste repetidamente no poder da palavra – “mentiras”, “palavras sedutoras”, “insufiou-lhe a voz” (78-79) –, mas aqui um verbo perverso, que brota paradoxalmente da divindade. Realça deste modo a dimensão enganadora da fala, só solucionável pela imposição do silêncio. (LOPES, 2012)

Como estimar um ser que é considerado uma praga, mas que de fato é uma oferta agradável? Um mal que provoca regozijo? Um engano





desde sempre? Em outras palavras um ser contraditório que, enquanto atrai também repele, a um tempo faz feliz, em outro amarga a vida? O mito atribui a mulher todo o tipo de defeito em uma modalidade de calúnia altamente convincente e conveniente, no qual justifica a opressão e a injustiça masculina. Aos que não distinguem entre a tradição bíblica e o mito pagão grego, vale mencionar que tais atributos nomeados e afirmados por Zeus, que vituperam a mulher, não são encontrados nas Sagradas Escrituras.

Para não fugir ao escopo do presente trabalho, basta que seja dito sobre a história do povo hebreu, que o homem israelita recém-casado estava proibido de ir à guerra durante um ano inteiro para fazer sua esposa feliz (Bíblia A.T. Deuteronomio 24. 5).

É bom lembrar que esta é uma norma antiga, supostamente anterior ao período de Homero. Além disto, a história da Sulamita, narrada do Livro de Cantares de Salomão, ou Cântico dos Cânticos, mostra a possibilidade concreta do amor humano no casamento, com participação igualitária entre o homem e sua mulher. A jovem desejada por Salomão evidencia a reciprocidade do amor quando diz: “eu sou do meu amado e ele é meu” (Bíblia A.T. Cantares 6.2). Atitude bem diversa do casamento no mundo grego.

Afinal, tal conceito e impressão quanto às mulheres eram justificáveis? Seria o oráculo de Zeus um padrão revelador de incapacidade e defeitos? A própria história desmente, ao relatar que:

Aspásia era excepcional: altamente literata, mulher de muitas leituras, que se tornara membro do círculo de Péricles e, cinco anos depois, quando ele se divorciou da mulher, tornou-se consorte e permaneceu assim até a morte dele. Conhecia bem Sócrates, tendo o acompanhado em suas peregrinações por toda Atenas e, suponho eu, tendo sido ‘examinada’ por ele. Sócrates tinha em alto conceito o intelecto dela e suas conquistas literárias; quando recebeu o pedido dos pais de um rapaz para que recomendasse um mestre para ensiná-lo retórica, ele mencionou Aspásia. Isso causou surpresa, mas o conselho foi aceito e provou-se verdadeiro. (CABETTE, 2015)



Este quadro tétrico, pintado com cores berrantes, no que concerne à posição da mulher na sociedade grega, é exibido na história grega para consternação da mente ocidental moderna que, mesmo aos trancos e barrancos, tem resgatado o valor da mulher como aquela que, junto ao homem, constitui a *imago Dei* (Imagem de Deus). Apesar da incredulidade geral, o fato é que a Queda explica de forma perfeita as consequências futuras na história da humanidade. Assim, urge crescer alguns relatos históricos daquele drama expresso na pena do historiador.

#### 4 – As diferenças: Atenas e Esparta

Considerando Esparta e Atenas, por serem as duas principais cidades gregas à época, será analisada a condição das mulheres destas cidades. As mulheres de Esparta gozavam aparentemente de maior liberdade. Não estavam confinadas ao gineceu e tinham o dever de praticar exercícios físicos para que gerassem filhos saudáveis e vigorosos para o Estado, de acordo com a crença vigente à época. Além disso, participavam de exercícios militares com a diferença de não ficarem aquarteladas. De acordo com Souza:

Se elas eram mais “livres”, podiam sair mais frequentemente de casa, não tratava-se [*sic*], como salienta Marcos Alvito, de uma aberração, mas de uma decorrência natural de uma organização social que propositadamente enfraquecia a família, retirando toda a força dos vínculos conjugais, fazendo com que os filhos fossem criados pelo Estado e os maridos só visitassem as esposas de vez em quando. (SOUZA, 1988, p. 43-44)

Percebe-se que tal “liberdade” era uma concessão que trazia embutida um propósito de natureza pragmática que envilecia ainda mais a mulher. De fato, a mulher espartana era um instrumento do Estado. Esse a privava daquilo que sua natureza estima ao nível do sagrado: a criação dos seus filhos. Esses lhes eram retirados ainda pequenos e ficavam sob a tutela do Estado. Mesmo seu marido não lhe estava disponível com frequência face à política estatal espartana. Corroboram estes informes o seguinte trecho:



Como se vê, estas mulheres espartanas eram ainda menos importantes no corpo social e na vida de seus maridos que as atenienses, uma vez que se viam privadas de criar os próprios filhos a partir de certa idade e de manter regularmente um relacionamento conjugal com seus maridos. Em resumo, o que se objetivava era fortalecer a comunidade de guerreiros em detrimento da esfera privada - foi a implantação na sua forma radical do ideal hoplítico. (SOUZA. 1988, p. 43-44)

Algumas perguntas devem ser feitas. Estas mulheres teriam sido infelizes ou estavam adaptadas ao estilo de vida que, por certo, já viviam a várias gerações? São questionamentos legítimos face à extraordinária capacidade de acomodação do ser humano.

A esposa do rei Leônidas, Gorgo de Esparta, é um símbolo da resistência feminina diante da dura realidade a qual lhe sobrevém em decorrência da guerra contra os persas. (MARK, 2015) Quando Leônidas parte para a batalha de Termópilas, na qual perdeu a vida, Gorgo lhe solicita instruções. Ele responde com um elogio, aconselhando-a a não lamentar sua morte, mas casar-se com um homem bom e ter crianças sãs. Ele não disse que ela deveria ter filhos (homens), mas crianças, porque aprendera com ela o valor da mulher.

A realidade da mulher ateniense diferia da mulher espartana. Talvez esta última se considerasse mais feliz, tendo em vista sua dose maior de liberdade, contudo tanto uma quanto a outra eram igualmente aviltadas. À mulher ateniense era requerido um comportamento no qual não podiam faltar o recato, a fidelidade, a submissão, primeiro ao pai, e em sua ausência ao irmão mais velho ou qualquer outro elemento masculino da família. Uma vez casada devia obediência ao seu marido, e passava a maior parte de seu tempo dentro das paredes de sua casa. Em uma sociedade mais igualitária tais predicados seriam elogiáveis, mas quando se contrasta com a liberdade permitida ao homem, a opressão ganha contornos tão nítidos quanto a luz do sol.

Assim era definido o comportamento do homem casado:

Se o marido não estava ausente em alguma campanha militar, ou desfrutando da companhia de seus amigos em relações homossexuais ou divertindo-se com prostitutas, era mais provável, se houvesse tido o número prescrito de



filhos, que dormisse em um quarto distinto ou com alguma escrava. (SILVA, 2011)

O desprezo sofrido pela mulher casada retrata de forma fiel a rejeição que o homem grego tinha pelo casamento. Era-lhe tão somente uma obrigação civil e política sem que o amor estivesse envolvido. Prestava-se tão somente à procriação. Com amargura Medeia e o coro das Coríntias de Eurípedes falam das condições das mulheres daquele tempo:

De tudo o que tem vida e pensamento, somos nós, mulheres, as criaturas mais miseráveis. Em primeiro lugar necessitamos, gastando mais dinheiro do que ele merece, comprar um marido e conceder um dono ao nosso corpo – mal ainda mais forte do que o outro. [...] Quando a vida doméstica se torna pesada a um marido, ele vai procurar lá fora alívio para o seu coração e volta-se para um amigo ou camarada da sua idade. Nós, porém, não podemos ter olhos senão para um único ser. Dizem que vivemos uma existência sem perigos, dentro de casa, ao passo que eles combatem com a lança. Pobre raciocínio! Antes queria lutar três vezes debaixo do broquel que dar à luz uma única vez. (Eurípedes s/d: p. 23) (LOPES, 2012)

Mesmo assim, em condições tão degradantes, o status de esposa era superior aos demais papéis que outras mulheres desempenhavam na sociedade. As hetairas (cortesãs de luxo), normalmente instruídas nas artes da filosofia e da política, e por isto preferidas pelos homens gregos em relação as suas esposas, viviam de migalhas, anelando se tornarem concubinas dos poderosos para que tivessem um futuro amparado, conforme Vrissimtzis, que diz literalmente:

[...] o sonho de toda hetaira, mesmo da mais famosa dentre elas, era encontrar um cidadão abastado que a levasse para casa como concubina onde poderia viver comodamente uma relação semelhante ao casamento e ter filhos. Este foi o caso de Neera, que após diversas aventuras, terminou vivendo com Estéfano, um cidadão ateniense, conseguindo assim, obter ilegalmente o status



de esposa legítima fato que resultou no tão conhecido julgamento. (VRISSIMTZIS, 2002, p. 98)

O grande paradoxo desta sociedade marcada pela discriminação às mulheres, era o fato de que as pobres gozavam de maior liberdade do que as bem-nascidas e casadas. Isto se dava porque tinham que trabalhar para a garantia do sustento e, como consequência, desfrutavam da liberdade de administrar suas finanças. Com a passagem do tempo, esperava-se que o *status quo* (estado atual) da mulher fosse alterado, até porque a próxima era teria a poderosa influência do cristianismo.

## Considerações Finais

Após se avaliar meticulosamente o que a pesquisa desvelou, surgem as inevitáveis indagações: desde os gregos até a atualidade, o que mudou? Será que se pode dizer que houve progressos na forma como as mulheres são vistas? Quais as contribuições de lavra feminina podem-se aduzir ao tema? Indubitavelmente, não se pode negar a revolução ocorrida desde aquela época até hoje. Impossível exagerar o exemplo extraordinário de Jesus Cristo. O contexto cultural e religioso não o impediu de quebrar a tradição vigente de desprezo à consorte do homem. Todas as mulheres que dele se acercou receberam seu amor, até mesmo aquela que foi apanhada em pleno ato de adultério. Qualquer outro sábio ou rabino teria consentido em seu apedrejamento. Ele a protegeu sem condená-la. Não obstante, não fechou os olhos para o seu pecado. Liberou-a acompanhada da recomendação: “vai-te e não peques mais”.

Curiosamente, no mundo ocidental profundamente influenciado pelo cosmovisão judaico-cristã, a despeito do exemplo dado por Cristo, somente nestes dois últimos séculos pode-se perceber o resgate do valor feminino. As mulheres tiveram participação importante na espiral de reconhecimento do seu valor. Desde priscas eras sempre se sentiu o impacto de sua força na sociedade. As filhas de Zelofeade, século XV a.C., foram em extremo corajosas ao pedir a Moises, o grande legislador de Israel, o direito de herança. Tal foi a força e justiça do pleito, que Moises não decidiu sozinho. Consultou ao Senhor e este deu ganho de causa àquelas mulheres. O que dizer de Ester? Sua atuação foi decisiva



na preservação do povo de Israel exilado na Pérsia. A grande Ana Néri, paladina do cuidado com os soldados feridos na Guerra do Paraguai, de ambas nacionalidades, (amor que se revela no extraordinário) que, por sua coragem, patriotismo e desprendimento tornou-se ícone da enfermagem brasileira.

Na atualidade não se pode olvidar a figura de Madre Tereza de Calcutá. Seu trabalho de caridade foi de tal modo poderoso que a guindou às posições de reconhecimento dos principais organismos mundiais. Recebeu o prêmio Nobel da Paz. As duas maiores potências mundiais à época (EUA e União Soviética), diante da força do amor de Tereza de Calcutá, homenagearam-na com condecorações. A obra e a pessoa de Tereza potencializaram a união, em um único propósito, dois impérios que estavam em pé de guerra.

A esta altura é imperioso fazer menção ao movimento feminista, contudo, devido ao pouco espaço, não é possível maiores digressões. Assim, será resumida em uma sentença a natureza do dito movimento, de autoria de Ana Caroline Campagnolo: “O feminismo é uma ameaça à civilização ocidental”. (CAMPAGNOLO, 2017)

Por fim, pode-se afirmar que a grandeza de alguém, não importa se homem ou mulher, se reconhece por suas ações. Como disse o irmão do Senhor, Tiago, bispo de Jerusalém, [...] “mostre-me a tua fé sem as obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, **A Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo. Martins Fontes. 1998.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. Sócrates e as mulheres: um germe do reconhecimento de direitos em plena Grécia antiga. **Revista Jus Navegandi**, Teresina, ano 20, n. 4404, jul. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/37605>. Acesso em: 29 jul. 2017.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline “O feminismo é uma ameaça à civilização ocidental”, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas->



[noticias/2019/02/17/caroline-campagnolo-o-feminismo-e-uma-ameaca-a-civilizacao-ocidental.htm](https://noticias/2019/02/17/caroline-campagnolo-o-feminismo-e-uma-ameaca-a-civilizacao-ocidental.htm) Acesso em: 20 mai. 2019

CARTLEDGE, Paul. **Demócrito e a Política Atomista**. Tradução de Angélica Elisabeth Köhnke. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

LESSA, Fábio de Souza. **Mêlissa do Gineceu à Ágora**. 1996, 193 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1996.

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. **Revista Diacrítica**, Braga, Portugal, volume 26, n. 2, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672012000200028](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200028).> Acesso em 29 jul. 2017

OLIVEIRA FILHO, Mario Silva; das NEVES, Nadj Gleide Sá; OLIVEIRA FILHO, Renilto Carvalho de Oliveira. **Mulher na Antiguidade Clássica: Sua Importância nas Esferas Jurídico Social das Cidades-Estado de Atenas e Esparta**. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia. 2011. Disponível em: < <http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2013/05/4->> Acesso em: 12 out. 2017

SILVA, Talita Nunes. **As estratégias de ação das mulheres transgressoras em Atenas no V século A.C.**: 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

SOUZA, Daryane Ariel; KAZMIERCZAK, Marília; COUTO, Rafaella. Mulher e sociedade: Como compreender as mulheres à luz de seus direitos sociais na contemporaneidade? **Revista Eletrônica**, Porto Alegre RS, v. 3, set. 2012. Disponível em: [http://www.colegiomaededeus.com.br/revistacmd/revistacmd\\_v32012/artigos/A6\\_Mulher\\_Sociedade.pdf](http://www.colegiomaededeus.com.br/revistacmd/revistacmd_v32012/artigos/A6_Mulher_Sociedade.pdf).> Acesso em: 29 jul. 2017

SOUZA, Marcos Alvito Pereira. **A guerra na Grécia antiga**. São Paulo, Editora Ática, 1988.



SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Zilda Arns**"; **Brasil Escola**. Goiânia, GO. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/biografia/zilda-arns.htm>>. Acesso em 27 de setembro de 2017

VRISIMTZIS, Nikolaos. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo. Odysseus. 2002.

